

# Cooperativismo quer ocupar espaço político

por Jane Filipon  
de Porto Alegre

O "Grito do Campo" — uma das maiores manifestações dos produtores rurais gaúchos, sem um caráter reivindicatório específico, programado para 2 de outubro em Porto Alegre — não acontece por acaso. Faz parte, segundo o presidente da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja (Fecotrigo), Jarbas Pires Machado, de um processo de amadurecimento do produtor rural, que percebeu ser necessário ocupar seu espaço político. "Achamos que chegou o momento de dizer, junto com toda a sociedade, qual o país que desejamos", afirmou Machado em entrevista à imprensa.

A força política do cooperativismo gaúcho tem respaldo significativo. Os associados das 462 cooperativas somam 680 mil pessoas, que controlam 81% da produção estadual de trigo, 77% da soja, 40% do leite, 75% da criação suína e 24% do arroz. Nove reuniões, nas principais regiões agrícolas, precederam a manifestação marcada para outubro no ginásio de esportes do Internacional e ficou acertada a presença de mais ou menos 20 mil produtores ligados às cooperativas e 150 sindicatos ru-

rais. Uma comissão interpartidária formada por parlamentares da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul confirmou a participação no evento. "Também convidamos os dois candidatos à Presidência da República, Paulo Maluf e Tancredo Neves. O candidato da oposição tem boas possibilidades de comparecer", explicou Machado.

As proposições dos produtores são de uma reformulação do modelo político, que afasta a maioria do povo das principais decisões, e de uma retomada do crescimento econômico. Além disso, acham importante a volta do País à sua normalidade democrática e a adoção de uma política salarial mais justa. "Nossas propostas são idênticas às de toda a sociedade brasileira, e que apenas de forma conjunta poderão ser executadas." Ao conquistar um espaço político mais amplo, Machado acredita ser possível ao produtor influir na formulação de um modelo agropecuário adequado. "O setor primário é a maior alavanca que o Brasil dispõe para voltar a crescer. Mas é preciso uma reforma ampla no enfoque da economia brasileira, antecedendo outras decisões específicas."